



Blecaute

Revista de Literatura

Campina Grande (PB) – Nº21

Jul - Dez - 2020

ISSN: 2238-930X

ARTIGOS E ENSAIOS

ARTIGOS E ENSAIOS

CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO LIVRO “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA”

Por Solange Diniz de Oliveira

Toda a obra de Carolina Maria de Jesus reúne mais de 4.500 páginas manuscritas em trinta e sete cadernos, dentre os quais, destacamos os seguintes gêneros: poesia, contos, novelas, canções e peças teatrais. A mineira, sempre afetuosa com as letras, destacou-se em sua caminhada. Sua utopia era a prioridade em publicar o livro, “Quarto de Despejo”, que abordava de dentro da favela, todo o cotidiano de quem sofreu preconceitos, abusos e humilhações, envoltos na realidade da década de 1960.

Mulher, escritora, negra, pobre e com pouco estudo, escreveu o terror vivenciado na favela e, ao mesmo tempo, demonstrou uma libertação e uma ruptura na grade literária em relação aos cânones, momento em que alcançava, com seu discurso, o papel de mulher/personagem/escritora.

Carolina não se intimidou perante sua dificuldade social. Possuía mínima instrução escolar, mas trazia uma bagagem de leitura e uma persistência inigualável. Buscava uma melhoria de vida e enfrentou toda situação para dar o melhor para seus filhos, no âmbito da educação, moradia, vestimenta e alimentação, e priorizava isso com eficácia.

Era uma mulher com uma personalidade forte e apaixonada por escrever e ler, acreditava na utopia de se consagrar escritora, ciente da conjuntura social na qual se encontrava e em nenhum momento recuou diante de seu ponto de vista de retratar a favela, até porque possuía uma intensa propriedade para escrever sobre isso.

Meu objetivo geral é analisar a escrita caroliniana e como ela construiu uma identidade, em sua condição social, histórica e cultural. Considerando o discurso da autora e sua ideologia um processo de produção de sentidos e de formação discursiva ao identificar, em sua escrita, a multiplicidade de vozes, contida em sua obra *Quarto de Despejo* (1960). Tudo isso alinhado a uma perspectiva bakhtiniana a partir de conceitos essenciais como, sujeito social, formação discursiva, polifonia e dialogismo. Consideramos a visão bakhtiniana, na linguagem, que valoriza justamente a fala, a enunciação e afirma a sua natureza social, não individual.

Através do livro, identifiquei a representatividade da mulher negra no âmbito literário, pois naquela época um pobre e negro escrever, cairia na hostilidade e preconceito da sociedade; evidenciei a figura da mulher, através da voz de Carolina para denunciar sua miserabilidade, a frustração com a política e com a figura masculina; a valorização da literatura marginal, que vem destacando-se nos escritos literários, consagrando-se como grito de resistência e ressaltar o gênero textual diário em suas características e funcionamento e sua importância como documento histórico para futuros leitores.

Em suas cento e noventa e nove páginas, a obra retrata de forma minuciosa, o horror degustado na labuta do dia a dia, a esperança de uma provável saída daquele ambiente de mendicância e ser reconhecida nacional e internacionalmente pelo seu

talento, seus conhecimentos, sua verdade, sua cor, seu discurso, embasados em uma mulher que acreditava no poder da Educação, que transforma qualquer indivíduo em um cidadão crítico, reflexivo e sensato.

Possui uma linguagem informal e coloquial apresentada sobre a forma de gênero textual diário, que tem como característica registrar a data dos seus depoimentos em um texto pessoal, no qual são relatadas experiências, ideias, opiniões, desejos, angústias, sentimentos, desabafos, acontecimentos e fatos do cotidiano.

Analisei a obra por um viés social, dialógico, envolto no contexto socioeconômico. No Brasil, a produção literária, de Carolina de Jesus ainda é pouco difundida como também não é reconhecida popularmente, apenas o livro em análise “Quarto de Despejo”, que foi um fenômeno de vendas e a tornou popular, mas por pouco tempo, o que poderia ser resquício de um preconceito internalizado, que a autora presenciou desde a década de sessenta, pela situação de pobreza que vivenciava.

Para que ela não caísse no esquecimento, seus filhos e pessoas anônimas admiradoras de seu trabalho, se empenharam em seguir divulgando seu nome, através de biografias, reedições de livros e poemas. Sem contar as inúmeras monografias, artigos, dissertações e teses, difundindo através de pesquisas, a escrita caroliniana.

Carolina de Jesus, a escritora negra

Neste tópico, apresento Carolina de Jesus, mostrando sua travessia desde criança até sua fase adulta, os percalços que ela percorreu em uma busca incessante por melhoria de vida, junto aos seus familiares e mais adiante com seus três filhos.

Sua trajetória é marcada por preconceitos, racismos e desigualdades. Mulher negra, pobre e semianalfabeta, em uma sociedade que sempre a viu com repúdio e ojeriza. Carolina levantou uma bandeira de resistência e liberdade. Com pouco estudo e anseio por conhecimento, sua vida perpassou por uma transformação concernente ao residir em uma favela nos meados de 1960, ano em que existiu um forte crescimento da economia do país, período que ficou conhecido como o “milagre econômico”.

Para os residentes da favela do Canindé, esses dados não passavam de meros números e pouca relevância para todos, pois o ambiente em que moravam, barracos amontoados e esgoto sem saneamento básico, era desfavorável para uma vida digna e decente. Carolina foi enfática e crítica no fator política, apoiou alguns políticos e cortou relações com vários, que já cansada de tantas promessas vazias, não os levava a sério. O discurso político de 1960 foi repulsivo por várias décadas, referindo-se aos falsos compromissos com o eleitor.

Naquela época, Jânio Quadros renunciou e João Goulart assumiu. A voz inigualável da cantora Elis Regina marcou a Música Popular Brasileira (MPB), interpretando “Arrastão”, de Vinícius de Moraes. Surgiu a Tropicália e a Jovem Guarda começou a ditar a moda. Outro fato importante merece destaque na década de 1960; a TV à cores levou o entretenimento para as famílias nas suas casas.

Aleatória a tudo isso se encontrava nossa escritora, empenhada em publicar seu primeiro livro, “Quarto de Despejo”, obra que a consagrou no meio literário, através de um jornalista (Audálio Dantas) designado para cobrir uma matéria e que a descobriu

em meio a um tumulto na favela. A partir desse dia, sua passagem para uma vida confortável e promissora estava se realizando. Consolidou-se no trâmite literário e sua obra circulou por diversos países e foi traduzida em várias línguas. Viajou por muitos lugares para a divulgação do livro, libertando seus filhos e ela própria do cativo do horror, da miséria, da desumanidade, da violência e do preconceito.

Analisar sua obra é se transportar para dentro do seu mundo e da sua subjetividade, ler suas escrivências nos leva para dentro do seu barraco, da sua luta diária para conseguir alimento para seus filhos. Diante disso, podemos afirmar que essa obra se torna tão atemporal, pois quantas Carolinas não encontramos dentro de nós mesmos?

O fenômeno “Quarto de Despejo”

Quando foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, Carolina viu a chance de ter seu livro publicado. O “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, título intencional e realista para denotar a sua trajetória de lutas, fome, desumanidade, revoltas, indignações, sofrimentos e angústias. A autora escrevia suas dores físicas e emocionais como nos relata em “Esquentei o arroz e os peixes e dei para os filhos. Depois fui catar lenha. Parece que vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato felicidade.” (JESUS, 2005, p.72).

O livro foi um sucesso de vendas no Brasil e no exterior, com tiragem de dez mil exemplares. Na noite de autógrafos foram vendidos 800 livros, preservando o estilo da escritora e até os erros ortográficos. Uma das curiosidades desse lançamento foi o fato da autora ter se levantado como era corriqueiro todas as manhãs e catar papelão, para conseguir alimentação para os filhos, mostrando sua total ingenuidade e simplicidade e sem aperceber que logo na manhã seguinte seria um fenômeno. Foi à livraria com seus trajés humildes e foi muito cumprimentada, inclusive por quem seria o ilustrador da obra, o Cyro Del Nero, e foram chegando muitos repórteres, entrevistando-a e fotografando alguns trechos do livro.

Percebe-se, ao folhear o livro, o teor social e questionador, intercalado com as especificidades políticas e abrangendo os diversos aspectos, como as questões raciais, o alcoolismo, a fome, a pobreza e a violência doméstica, envoltos em uma denúncia e reflexão.

A sessão de autógrafos foi um dia muito importante para “a escritora favelada”, como passou a ser chamada. Alguns canais de televisão transmitiram ao vivo, Carolina assinando o contrato de cessão de direitos autorais à editora, e para sua surpresa, o Senhor Lélcio de Castro lhe deu dois mil cruzeiros. Ela só pensou em comprar comida para os filhos. Saiu da livraria muito feliz, e plena, levou os filhos para jantar num restaurante.

A vida dela seria transformada com o sucesso do seu livro, representou a negritude, deu voz para os excluídos e para os invisíveis, pois em época de Clarice Lispector e Jorge Amado, conquistar por semanas o *ranking* de primeiro lugar em vendagem de livros era uma proeza. Na mesma semana da assinatura do contrato, foi convidada a participar, em estúdio, de um programa de televisão no qual contou toda sua traje-

tória como favelada e pobre. O programa foi um sucesso, e assim, sucessivamente, foi se apresentando e virou febre na mídia. Todos queriam ver o fenômeno.

Ela percebeu o quanto sua rotina mudou. Sempre havia alguém ou alguma novidade que batia na sua porta, passou a não ter mais nenhum sossego, estava colhendo os frutos do livro publicado. Um fato que a deixou muito alegre foi que sua imagem havia alcançado os irmãos negros. O jornalista participava dos movimentos negros paulistanos e a levou numa atividade comemorativa do dia 13 de maio.

O local estava muito lotado, na ocasião assistiu à peça “Rapsódia Afro-Brasileira”. Ao término da peça, foi apresentada pelo poeta Solano Trindade, foi chamada ao palco e muito aplaudida, e, em seguida, já lhe pediram autógrafos. Por quase um ano, seu livro ficou em primeiro lugar de vendas, o que acarretou a ela uma enorme satisfação e orgulho.

Vale recordar que as primeiras linhas do livro em análise, foram escritas em um período que vai entre a superação do Estado Novo (1937 -1945) e a instalação da ditadura Militar (1964). Outro grande acontecimento estava prestes a acontecer. Em 1958, iniciava-se a construção de Brasília, “Capital da Esperança”. Com tantas novidades, a mídia também deu destaque à autora, enfatizando suas denúncias, visto que a televisão entrou nos lares em 1950, propício para uma divulgação em massa para todo o Brasil e popularizando seus escritos.

Ao ser publicado, o livro teve dois momentos expostos: a crítica, que a abraçou de forma esplendorosa, destaque para um ou dois que não a viam como uma escritora, mas como algo exótico, e seus vizinhos, que não gostaram de ver suas vidas expostas em um livro que já nasceu para ser consagrado.

O poeta Manuel Bandeira escreveu, no jornal O Globo, que o preconceito era a principal razão de as pessoas não acreditarem que uma “negra favelada” pudesse ter escrito “Quarto de Despejo”. Foi além, dizendo que ninguém seria capaz de “inventar” um texto como o de Carolina. Dessa forma, foi recebido o livro, causando tanto impacto à sociedade. É impressionante a forma e a velocidade com que essa obra tornou-se um *best seller* primeiramente no Brasil e em seguida na Alemanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália.

A imprensa internacional intensificou a cobertura com grande afinco e a demanda de pessoas de outros países querendo conhecer a escritora era imensa, movidos pela curiosidade de uma negra escrever com tanta intensidade e romper as fronteiras do país, e em pouco tempo já estar sendo lida por dezenas de línguas. O livro ainda é usado nesses países como leitura obrigatória nas Universidades. Recentemente, a UNICAMP abriu espaço para a obra e a introduziu no meio acadêmico. Dessa forma, a escritora está ganhando a cada dia mais notoriedade.

Um momento muito importante desse sucesso consagrador, foi na Academia de Letras da Faculdade de Direito. Recebeu das mãos do seu presidente, o diploma de Membro Honorário, o qual seria entregue a Jean Paul Sartre, escritor francês, mas foi desbancado por Carolina duas vezes nas listas de livros mais vendidos do ano. A solenidade terminou com essa frase “A França tem Sartre, nós temos a Carolina!”

Seu livro ganhou o mundo, atravessou todos os obstáculos e anunciou em seu diário, os problemas sociais, a favela em condições desfavoráveis e a fome, descorti-

nou a violência que tanto aflige a mulher, principalmente. Escancarou os políticos e o modo como tratava quem vivia nas ruas, nos becos e nas vielas de São Paulo.

Essa mulher empoderada e resistente conseguiu a marca de 80 milhões de exemplares vendidos. Superou Sartre, Lispector, Amado, entre outros. Aquela garotinha com dois anos de estudo, que saiu de sua cidade natal, em busca de um sonho, iria provocar um acontecimento jamais visto nos píncaros da Literatura.

O dialogismo e a polifonia na narrativa caroliniana

A luta diária de Carolina era para dar o melhor para seus filhos. Catar papel, lavar roupas e conseguir ferro era o que trazia comida e roupas para eles. Na maioria das vezes, não conseguia o dinheiro suficiente e todos iam dormir com fome, esse momento era o mais sofrível e tenebroso. “Não havia papel nas ruas. Passei no Frigorífico. Havia jogado muitas linguças no lixo. Separei as que não estava estragadas. [...] Eu não quero enfraquecer e não posso comprar. E tenho um apetite de leão. Então recorro ao lixo.” (JESUS, 2014, p,93).

Era evidente o seu inconformismo em não aceitar as condições desfavoráveis, por isso seu discurso é tão pertinente e ao mesmo tempo tão envolvente acerca das temáticas vivenciadas por ela e seus filhos. Analisar sua obra na perspectiva bakhtiniana remete ao dialogismo, não apenas ao diálogo face a face, mas à concepção de língua como interação verbal, é o que propõe o livro “Quarto de despejo”, uma interação com o leitor, uma interlocução estabelecendo relações. Para Bakhtin,

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. [...] A palavra é o território comum do leitor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2014 [1929]: 117).

A escrita caroliniana expõe sua revolta ao tomar consciência da sua condição social, notando que tem em mãos através de papéis, um mundo, e que no seu âmago, a utopia de estabelecer relações dialógicas é pertinente. Sobretudo, quando ela deseja mostrar sua importância dentro da sua subjetividade e um traço dentro de um mundo tão desigual e desumano.

O princípio do dialogismo não se firma apenas em um diálogo da fala ou escrita com o interlocutor, mesmo sabendo quem é o outro, já que estamos sempre retomando o que os outros já pronunciaram.

A autora, ao escrever seu diário, suas canções, suas poesias, traz diversas vozes: as caminhadas que percorreu desde a infância, em busca de melhoria para seus dias; os relacionamentos que teve; os livros que leu; o discurso político e religioso que presenciou; os tempos de escola e a recordação de seus professores; sua ambiência e seus vizinhos. Essas vozes estão ecoando em cada linha de sua escrita, não tirando

sua liberdade, mas oferecendo ao leitor e ouvinte seu estilo, marcado por sua posição social, histórica e ideológica.

Segundo Fiorin (2017, p. 61), “o sujeito vai constituindo-se discursivamente, aprendendo as vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas”. O sujeito é heterogêneo e na realidade de Carolina, seu discurso implica nas vozes que ela carrega ao escrever seu diário. Na sua voz foi incorporada uma voz de autoridade e de propriedade de quem mais sabia retratar e personificar a favela.

Temos esfera de comunicação através do espaço urbano, bem como a interação do homem dentro da esfera pública da vida social no contemporâneo. No seu livro Quarto de Despejo, a autora realiza esse processo polifônico, quando enfatiza a relação dialógica entre autor e personagem. Desse modo, o autor é ativo, isto porque estabelece essa participação do dialógico com outras vozes e através da escrita cria um ativismo, no qual dialoga com o leitor em uma interação que vai desde interrogar, responder, discordar, conceder, permitir e conciliar.

Brait (2017) defende que

A polifonia se define pela convivência e pela interação, de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo. Essas vozes e consciências não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos. A consciência da personagem é a consciência do outro, não se objetifica, não se torna objeto da consciência do autor, não se fecha, está sempre aberta à interação com a minha e com outras consciências e só nessa interação revela e mantém sua individualidade. Essas vozes possuem independência excepcional na estrutura da obra, é como se soassem ao lado da palavra do autor, combinando-se com ela e com as vozes de outras personagens. (BRAIT, 2017, p.194).

O diário pode ser considerado um gênero polifônico, pois está perpassado de outras vozes. Carolina de Jesus ocasiona esse embate social apresentando diferentes vozes polêmicas que se enfrentam, se confrontam e mostram divergências. E a protagonista do “Quarto de despejo”, que é a própria autora, conta sua trajetória, que possui conhecimento de mundo, ponto de vista, postura e voz.

O sujeito social e a formação discursiva

A partir desse tópico, será abordado como se constitui por diferentes vozes sociais esse sujeito e como pode ser analisado a partir de seus discursos. Dentro dessa perspectiva, existem distinções na diferença entre “sujeito falante”, o qual tendo a capacidade para a aquisição da língua a usa em seu contexto sociocultural e o “sujeito falando”, que faz alusão à Carolina de Jesus, pois se refere a um sujeito constituído de vozes que se fazem presentes em sua voz.

Em outras palavras, a leitura da obra explicita a representatividade da autora no

cruzamento dessas vozes, ecoando através de seu discurso, com sua comunicação verbal e escrita que ganhou o mundo, mesmo por um período curto. Naquela época, lutar contra um sistema engessado e rígido, no qual as mulheres eram excluídas, foi triunfante para uma negra, que ganhou ascensão e prestígio. Sua obra, cada dia, ganha mais adeptos e leitores.

Diante da atual conjuntura na qual nos encontramos, se envolver no mundo de Jesus é um grito dado por nós mulheres, que não podemos calar, mas nos posicionarmos de forma clara e concisa. No caso de Carolina, seu espaço de voz era a favela, um lugar ocupado por muita miséria, resistindo todos os dias e contando suas experiências. Como nos pontua Fernandes (2007)

Em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos estão em debates e/ou divergência. Sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. (FERNANDES, 2007, p.18).

A objetividade em sua fala, realmente magoou dos moradores da favela até a elite, pois não poupou ninguém. Sua arma era a escrita e o seu discurso, tão empoderado e forte, não era, na maioria das vezes, aceito de forma tolerável. Apesar de tantas adversidades, ela possuía uma feminilidade a florada e sabia conquistar seu pretendente. As mulheres da comunidade a invejavam e a desprezavam, a ponto de cometerem violência e denúncias falsas sobre Carolina e seus filhos, era temeroso viver em um lugar no qual não havia perspectivas de sair.

Temos uma marcação de diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que travam embates, pelo qual destacamos a ideologia, que mostra esses sujeitos em cena. O homem enuncia a partir de sua voz, de seu discurso e sua existência na história, a produção de evidências mostrando o sujeito na relação imaginária com suas situações de existência.

A partir da premissa de todo discurso é ideológico, Brait (2017, p.170) pondera que “a representação do mundo é melhor expressa por palavras, pois que não precisa de outro meio para ser produzida a não ser o próprio ser humano em presença de outro ser humano”.

Com base nessa afirmação, podemos afirmar que a escrita da obra de Carolina de Jesus traz, de forma implícita, esse apelo, essa comoção de que, ao ser publicado, algum leitor tivesse piedade dela e a libertasse daquele ambiente de escassez e mazelas.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residencial, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. [...] Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. (JESUS, 2014, p.39).

Temos uma mulher negra, pobre e com um discurso repleto de interpretações que faz relação com a história e com os sentidos. Durante sua trajetória, Carolina construiu sua subjetividade e ideologia em uma realidade dura e sem possibilidade de se retirar daquele ambiente pelo qual ela tinha asco. Ela é o sujeito constitutivo que domina toda sua história e (re)significa em sua discursividade sua posição e ao saber e ter consciência disso, ocupa essa posição.

Nas formações discursivas as palavras mudam de sentido e não podem ser apreendidas, senão em função das condições de produção, das instituições que as implicam e das regras constitutivas do discurso. Por isso, não se diz uma coisa qualquer, num lugar qualquer, num momento qualquer. É o que assevera Brandão (2012, p.48): “são as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam “o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.”. Nesse trecho da obra, é notório esse posicionamento e circunstância:

Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse: – É que eu tinha fé no Kubistchek. – A senhora tinha fé e agora não tem mais? – Não meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo está fraco, morre um dia. (JESUS, 2005, p.39).

A autora deixa explícito um manifesto do quanto estava insatisfeita com a política. Abrangendo isso para o entendimento da formação discursiva, temos um sujeito que escreve suas palavras de determinado assunto, no caso temos a (política), em uma situação sócio histórica dada e ao mesmo tempo, outras falas vivenciam esse discurso, dentro dessa posição. Calcado nessa assertiva, temos um discurso de forma ideológica, no que se refere ao determinante “o que cada um pode ver”. No caso, essa posição ocupada pela mulher favelada em situação de mendicância nos revela, em sua identificação, o sujeito enunciador com o sujeito universal da formação discursiva.

Perante tudo o que foi discutido, constatado e pesquisado, em relação à obra “Quarto de despejo” de Carolina de Jesus. Pode-se entender que a autora, realmente construiu sua identidade após se firmar no âmbito literário como escritora.

Em condição social, pois foi reconhecida na sociedade e teve sua ascensão, mesmo que por um curto período; na história, por ter seu nome bem mais divulgado fora do país e ser mais popular do que no Brasil; e na cultural, por sempre ser destaque em palestras, festivais, oficinas, como também ser citada em artigos, livros, monografias, dissertações e teses enaltecendo seu nome. A análise sobre sua escrita em uma perspectiva bakhtiniana, ressalva a importância desse estudo, no sentido de atender as suas teorias e se qualificar em ambas. A partir de conceitos essenciais como, polifonia, dialogismo, formação discursiva e o sujeito social, imprescindíveis para fundamentar o discurso, compreensão e a subjetividade da autora.

Nesse sentido, destaco a identificação sobre a representatividade da mulher negra no âmbito literário, pois foi constatado que Carolina, sofreu muito preconceito

e racismo, por parte principalmente de alguns poetas e escritores. No entanto, ela resistia, pois naquela época, não tinha o movimento de negritude que existe atualmente, ao qual ela encontraria apoio e solidariedade.

Sobre o gênero textual diário, o que notamos é o desuso cada vez mais frequente, pois novos estão surgindo e a demanda vai ocupando outro espaço. Outrossim, ressalto a valorização da literatura marginal, que vem crescendo e destacando-se em movimentos e livros publicados.

Esperamos que essa obra possa alcançar os limites da democratização nas escolas, fazer parte do planejamento escolar e ser apresentada de forma reflexiva. Que Carolina de Jesus nunca deixe de ser citada e que seu discurso se internalize de forma abrangente, principalmente, quando ela for lembrada pela mulher que foi.